



DESAFIOS PARA A ESPIRITUALIDADE DA LIBERTAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Challenges for the spirituality of liberation in contemporary society

*João Henrique Stumpf¹
Henrique Luiz Arnold²*

Resumo:

O artigo busca desenvolver uma reflexão sobre os desafios que determinados aspectos presentes na sociedade contemporânea representam para a Espiritualidade da Libertação, na atualidade. A partir da constatação de que determinadas lógicas, estruturas e sistemas presentes na sociedade atual, existem para dar suporte e promover privilégios da classe dominante, em detrimento da negação de direitos básicos de outros grupos historicamente marginalizados, o texto se pergunta sobre os mecanismos desta dominação. Neste contexto, a cultura do consumo se destaca como um dos pilares para a manutenção de injustiças estruturais presentes no cenário contemporâneo. O texto explora elementos religiosos presentes nos mecanismos do sistema capitalista tardio e analisa sua relação com a cultura do consumo, chamando a atenção para a urgência de se experimentar uma espiritualidade cristã libertadora que faça oposição a “espiritualidade” promovida pela cultura do consumo. Elenca alguns dos muitos desafios que o contexto atual coloca para a Espiritualidade da Libertação, apontando para algumas possibilidades. Em meio à crise que perpassa o cenário contemporâneo, a Espiritualidade da Libertação representa não só uma crítica ao sistema, mas uma luz, uma proposta que parte das margens, dos grupos de pessoas excluídas e marginalizadas.

Palavras-chave:

Sociedade Contemporânea. Sistema Capitalista. Cultura do consumo. Espiritualidade da Libertação.

Abstract:

The article seeks to develop a reflection on the challenges that certain aspects present in contemporary society pose for the Spirituality of Liberation, in the present time. From the observation that certain logics, structures and systems present in contemporary society exist to support and promote privileges of the ruling class, to the detriment of the denial of basic rights of other historically marginalized groups, the text asks about the mechanisms of this domination. In this context, the culture of consumption stands out as one of the pillars for the maintenance of

¹ O autor é bacharel e mestre em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo – RS e, atualmente realiza pesquisa de doutorado acadêmico em Teologia Prática, na mesma instituição, com apoio da *Den norske kirke*, sob orientação de Dr. Rodolfo Gaede Neto. Membro dos grupos de pesquisa Práxis Social da Igreja; e Identidade Étnica e Interculturalidade. Membro da coordenação nacional da Pastoral Popular Luterana. Contato: joaohenriques131@gmail.com.

² O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo – RS e, atualmente mestrando em Teologia e história pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, onde pesquisa interreligiosidade em espaço público com fomento Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), sob orientação de Dr. Rudolf Von Sinner. Membro do grupo de pesquisa Teologia Pública na América Latina. Contato: henrique.luiz.arnold@gmail.com.

structural injustices present in the contemporary scenario. The text explores religious elements present in the mechanisms of the late capitalist system and analyzes its relationship with the culture of consumption, drawing attention to the urgency of experiencing a liberating Christian spirituality that opposes the "spirituality" promoted by the culture of consumption. It lists some of the many challenges that the current context poses for the Spirituality of Liberation, pointing to some possibilities. Em meio à crise que perpassa o cenário contemporâneo, a Espiritualidade da Libertação representa não só uma crítica ao sistema, mas uma luz, uma proposta que parte das margens, dos grupos de pessoas excluídas e marginalizadas.

Keywords:

Contemporary Society. Capitalist System. Culture of consumption. Spirituality of Liberation.

Considerações iniciais

Infelizmente a afirmação de que a realidade latino-americana é marcada por profundas injustiças sociais não soa mais como novidade³. Pelo contrário, tais afirmações são cada vez mais recorrentes, em jornais, revistas, noticiários em geral. O Brasil, por sua vez, após experimentar um período de crescimento econômico, onde a miséria parecia ter sido extinta para sempre, sofre, novamente, com uma profunda crise econômica. O vulto do desemprego e, até mesmo da fome, já assombra a vida de milhares de brasileiros e brasileiras. Essa profunda desigualdade social foi denunciada, recentemente, pela primeira série brasileira lançada pela provedora global de filmes *Netflix*. A série *3%* escancara o absurdo da injustiça social presente na sociedade latino-americana, a qual é legitimada sob o discurso falido da meritocracia⁴.

Esta realidade desnudada pela série desafia sobremaneira a missão da Igreja, e, especialmente a Espiritualidade da Libertação⁵ (EL), a qual se articula a partir dos grupos e pessoas oprimidas e marginalizadas, aliando-se a elas, na busca por justiça e libertação. Sua opção irrevogável por tais grupos e pessoas, as que mais sofrem neste contexto, não lhe permite ficar indiferente. O anúncio da boa nova de Jesus Cristo torna-se denúncia frente aos fenômenos causadores destas injustiças sociais. A EL torna-se profética, diaconal, solidária, se aliando aos oprimidos e marginalizados por tais forças, na busca por justiça, assumindo decididamente o lado dos mais fracos.

³ A base desse texto foi originalmente apresentada no 28º Congresso Internacional da SOTER, realizado em Belo Horizonte – MG, entre os dias 12 a 14 de Julho de 2016. Posteriormente o texto foi publicado nos anais deste evento, sob o título: *“Desafios e possibilidades para a Espiritualidade de Libertação no contexto urbano atual”*. A presente versão é resultado de uma revisão e atualização a partir das críticas e sugestões recebidas no evento. O texto apesar de manter a estrutura básica, revê alguns argumentos e reflexões, integra outras reflexões e argumentações e aprofunda os temas centrais.

⁴ “Em um futuro pós-apocalíptico não muito distante, o planeta é um lugar devastado. O Continente é uma região do Brasil miserável, decadente e escassa de recursos. Aos 20 anos de idade, todo cidadão recebe a chance de passar pelo Processo, uma rigorosa seleção de provas físicas, morais e psicológicas que oferece a chance de ascender ao Mar Alto, uma região onde tudo é abundante e as oportunidades de vida são extensas. Entretanto, somente 3% dos inscritos chegarão até lá.” Disponível em <<https://www.netflix.com/title/80074220>> Acesso em: 11 de jun 2018.

⁵ Espiritualidade da Libertação entendida nesse artigo como a espiritualidade que se articula a partir dos pressupostos da Teologia da Libertação.

O presente artigo limita-se ao objetivo de identificar alguns dos principais fatores sociais contemporâneos, buscando perceber em que medida eles representam desafios para a articulação da EL. Preocupa-se também em, na medida do possível, apontar possibilidades de articulação da EL, na atualidade. Pela importância cada vez maior que a dimensão do *consumo* representa para a sociedade capitalista contemporânea, e pela delimitação de espaço, imposta pela natureza dessa pesquisa, a análise focará sua atenção sobre a referida dimensão, identificando suas relações com outros aspectos da sociedade, na medida da necessidade.

O papel da Espiritualidade da Libertação diante do conflito de grupos sociais

As grandes cidades contemporâneas, lugar onde aspectos da sociedade contemporânea podem ser percebidos como mais clareza, representam realidades distintas para determinados grupos sociais, ou seja, a mesma sociedade é experimentada de forma diferente entre ricos e pobres, entre moradores de bairros nobres e periferias, entre jovens e idosos. José María Vigíl sustenta que vivemos tempos de uma “hegemonia neo-liberal conservadora”⁶, e por isso, as pessoas pobres serão sempre oprimidas e marginalizadas em prol do privilégio de alguns grupos. “É desnecessário insistir no evidente: a direita, o capital, os poderosos levam a hegemonia neste mundo atual”⁷. É importante estarmos conscientes de que este domínio acontece, atua e consolida-se em vários setores, dimensões e expressões da atual sociedade. Em relação a isto, as palavras de Marx e Engels, mostram-se atuais, mesmo após cem anos:

Os indivíduos que constituem a classe dominante também têm, entre outras coisas, consciência, e daí que pensem; na medida, portanto, em que dominam como classe e determinam todo o conteúdo de uma época histórica, é evidente que o fazem em toda a sua extensão, e, portanto, entre outras coisas, dominam também como pensadores, como produtores de ideias do seu tempo; que, portanto, as suas ideias são as ideias dominantes da época (...)⁸.

Tais constatações servem apenas para reafirmar aquilo que a Teologia da Libertação e EL já nasceram sabendo: A sociedade latino-americana foi, e continua sendo, profundamente marcada por um intenso conflito de interesses entre os vários grupos que a compõe. Tal contexto lembra a EL de seu elemento medular, a saber, a opção preferencial pelos pobres⁹, elemento que lhe compromete a assumir um lado, o lado dos grupos mais fracos, daqueles que são sistematicamente oprimidos e marginalizados. Não há neutralidade diante da injustiça, ou se escolhe o lado do grupo oprimido ou opressor, conforme nos lembra Paulo Freire:

Que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez, mas hipócrita, de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? ‘Lavar as mãos’ em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele. Como posso ser neutro diante da situação, não importa qual seja ela, em que o corpo das mulheres e dos homens vira puro objeto de espoliação e de descaso?¹⁰

⁶ VIGÍL, José María. *Desafios atuais para a Espiritualidade da Libertação*. Disponível em: <<http://servicioskoinonia.org/relat/268p.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

⁷ VIGÍL, José María. *Desafios atuais para a Espiritualidade da Libertação*. Disponível em: <<http://servicioskoinonia.org/relat/268p.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

⁸ MARX, Kar.; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Centauro, 2002. p. 56

⁹ GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 1998. p. 55.

¹⁰ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 109.

Diante da análise social apresentada acima, a qual sustentou que as estruturas, sistemas e lógicas predominantes na sociedade latino-americana servem para oprimir ainda mais os pobres¹¹, e, ante, do compromisso que a EL tem com esses grupos historicamente marginalizados da população, surge à necessidade de investigarmos de que forma essa exploração acontece, com vistas a identificarmos com maior precisão os desafios postos a EL na atualidade.

Uma cultura de dominação como desafio para a Espiritualidade da Libertação

Para Jung Mo Sung, a cultura é um dos principais meios, pelos quais, o domínio dos grupos dominantes se perpetua na sociedade contemporânea. A cultura globalizada talvez seja a expressão mais efetiva deste domínio. Jung Mo Sung concorda com Marx ao sustentar que a grande maioria da população mundial compartilha os sonhos e esperanças que são oferecidos pelos setores dominantes da sociedade. Para ele, a massa sempre foi muito influenciada pela classe dominante, porém nunca alcançou o nível que vivenciamos na atualidade. “[...] A capacidade das classes dominantes e do próprio sistema social de manipular sonhos e as esperanças do povo nunca foi tão grande como hoje”¹². Tais teses, constatações e argumentações indicam o fato de que na atualidade é promovida uma cultura global a serviço dos grupos privilegiados em detrimento da necessidade dos mais pobres.

Para José María Vigíl, a cultura forjada para dar sustentação as forças opressoras que atuam na sociedade dificultam em muito a vivência da vocação, e missão, da Espiritualidade da Libertação, neste contexto. Isto acontece porque é justamente entre os excluídos e marginalizados que a EL é chamada a atuar. “Os pobres e seus interesses, com os quais a EL se identifica, são interesses secundários, inclusive antagônicos numa sociedade sob o influxo de tal hegemonia”¹³. Neste sentido, a perspectiva da EL representa a contramão das forças dominadoras da sociedade. É preciso ter clareza que a cultura globalizada, criada para dar sustentação aos interesses do sistema capitalista, habita e cumpri a sua função até mesmo entre os grupos mais pobres da população. Tal aspecto dificulta, e em alguns casos impede, o protagonismo daqueles que mais sofrem o peso da opressão. Por outro lado, devemos ter claro que a luta pela libertação integral, aspecto medular da EL, só pode acontecer mediante tal protagonismo, conforme nos indicam as palavras de Paulo Freire: “Pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio. É fazê-los cair no engodo populista e transformá-los em massa de manobra”¹⁴. Neste sentido, essa cultura cunhada para manutenção dos privilégios das forças dominantes, que ofusca o horizonte de libertação dos pobres e dificulta a tomada de consciência deles, representa um enorme desafio para a EL, conforme aponta José María Vigíl:

É mais difícil assimilar e viver a EL nestes tempos da atual hegemonia neoliberal, conservadora e de direitas, do que na sociedade latino-americana de trinta anos atrás. Apesar das ditaduras militares e da repressão, toda ela era um clamor pela justiça, pelas

¹¹ O fato do presente artigo trabalhar mais especificamente com uma categoria de excluído, a saber, o pobre no sentido econômico, não quer de forma alguma, negar a verdadeira abrangência que esse termo tem na TdL, conforme aponta Pablo Richard quando lembra a evolução do conceito: “Tomamos consciência de que o excluído tem rosto de mulher, de homem, de negro, mulato, indígena, mestiço ou branco, é de cultura rural ou urbana, é jovem ou adulto.” RICHARD, Pablo. *Força ética e espiritual da teologia da libertação: no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 94.

¹² MO SUNG, Jung. *Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9.

¹³ VIGÍL, José María. *Desafios atuais para a Espiritualidade da Libertação*. Disponível em: <<http://servicioskoinonia.org/relat/268p.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

¹⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 44ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. p. 59.

reivindicações sociais, pelas transformações revolucionárias... Esse clamor pela justiça era detentor da “hegemonia” dos pobres na sociedade de então. Abraçar a EL naquela hora não era uma decisão contrária à marcha da sociedade, mas algo que gozava da plausibilidade social mais alta e da aceitação coletiva mais profunda. Hoje sucede o contrário, e a EL não pode ignorar isso.¹⁵

Espiritualidade de Libertação em contraponto à espiritualidade do consumo

Para o sociólogo polonês Zygmund Bauman, a sociedade contemporânea é profundamente marcada pelo consumismo, o qual significa muito mais que o simples ato de consumir, pois dialoga com a subjetividade das pessoas e lhes atribui valor social:

Ele é mais, muito mais que mero consumo. Serve a muitos propósitos: é um fenômeno polivalente e multifuncional, uma espécie de chave mestra que abre todas as fechaduras, um dispositivo verdadeiramente universal. Acima de tudo, o consumismo tem o significado de transformar seres humanos em consumidores e rebaixar todos os outros aspectos a um plano inferior, secundário, derivado.¹⁶

A afirmação de Jung Mo Sung ajuda a desenvolver a tese de Bauman:

A identidade pessoal está hoje profundamente ligada ao consumo. Para ser reconhecido como *ser* é preciso *ter* determinados bens de consumo. Quando alguém busca consumir a mesma mercadoria consumida pelos modelos da sociedade, não está buscando simplesmente ter algo, mas sim está buscando ser alguém.¹⁷

O consumo torna-se a única possibilidade dos pobres existirem, para a sociedade capitalista. O capitalismo tardio nega o ser humano como sujeito, uma vez que reduz todas as suas potencialidades ao ato de consumir, ou melhor, reduz o ser humano a um mero consumidor.¹⁸ Logo, os pobres, a opção preferencial da EL, por não se adaptarem aos padrões de consumo são invisibilizados e marginalizados, negados em sua dignidade na sociedade capitalista.

Pobres daqueles que [...] permanecem presos a um único bem em vez de flunar entre um sortimento amplo e aparentemente inesgotável. Tais pessoas são os excluídos na sociedade de consumo, os consumidores falhos, os inadequados e os incompetentes, os fracassados — famintos definhando em meio à opulência do banquete consumista¹⁹.

O caminho oferecido pelo sistema capitalista representa uma concorrência sem limites. Ocorre uma busca desenfreada pelo aumento no poder de consumo e a conseqüente escalada na pirâmide social. A mística propagada pelo sistema é baseada na meritocracia, a qual se mostra mentirosa, ao prometer aos pobres aquilo que raramente conseguiram alcançar.²⁰

Sabemos da natureza paliativa de tal mística e os efeitos perversos e desumanos que ela tem na vida das pessoas, fadadas a trabalharem a vida toda sem perspectiva de

¹⁵ VIGÍL, José María. *Desafios atuais para a Espiritualidade da Libertação*. Disponível em: <<http://servicioskoinonia.org/relat/268p.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

¹⁶ BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 83.

¹⁷ MO SUNG, 2002, p. 39. (Grifo do autor).

¹⁸ “O ser humano não é sujeito, mas sim há um processo no qual ele se revela, que não se pode viver sem fazer-se sujeito. Não há sobrevivência, porque o processo, que se desenvolve em função da inércia do sistema, é autodestruidor. Esmaga o sujeito, que cobra consciência de ser chamado a ser sujeito enquanto se resiste a esta destrutividade. Tem que se opor à inércia do sistema se quer viver, e, ao opor-se, se desenvolve como sujeito.” MO SUNG, 2002, p. 73. Para Hinkelammert, citado por Mo Sung, o conceito de sujeito sintetiza as potencialidades humanas, nesse sentido, ser sujeito em um sistema que reduz o ser humano a um papel social de consumir representa uma luta constante em não submeter a sua lógica. MO SUNG, 2002, p. 81.

¹⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 50.

²⁰ A Série 3%, citada na Introdução desse artigo, enfatiza essa dimensão religiosa do sistema capitalista que oferece como “*caminho de salvação*” o discurso contraditório da meritocracia.

emancipação. Torna-se evidente que a salvação oferecida pelo sistema é pra poucos. Todos são chamados, mas poucos são escolhidos, bem poucos. O “inferno” dos condenados sustenta o banquete servido no “céu” aos convidados de honra do sistema.²¹

Em todo caso, a definição do sistema capitalista sustentada por Walter Benjamin, como um fenômeno fundamentalmente religioso, aspecto que, segundo sua previsão, se evidenciaria com mais clareza no desenvolvimento posterior do sistema²², parece se confirmar na atualidade. Suspeitamos que sua dimensão religiosa se alicerce essencialmente sobre o consumo, o qual dialoga com aquilo que Rubem Alves chama de dimensão primordial da religião, a saber, a necessidade humana de superar a realidade opressora da vida, de buscar uma forma de realização, de colocar ordem no caos da vida.²³

A falência das certezas, a lógica do consumo e a Espiritualidade da Libertação

O caos da vida na contemporaneidade tem a ver com a crise da racionalidade moderna. A maneira de ver e entender o mundo e o que nele sucede encontra-se em profunda crise. “A realidade parece não ser mais perceptível de um modo global”.²⁴ Diante da crise da racionalidade todos os esquemas e estruturas vigentes, que outrora serviam como base e pilares fundamentais e normativos para a vida, são questionados, além de serem insuficientes para explicar a própria realidade que vivemos. Se até poucos anos atrás acreditava-se que a história seguia um curso linear, “passando de modos de produção menos desenvolvidos para modos cada vez mais aperfeiçoados, como do capitalismo para o socialismo”²⁵, hoje tal realidade já não mais existe. Desse modo, a crise da racionalidade cria um verdadeiro caos na vida humana na medida em que desestrutura as estruturas fundantes que até então normatizavam a sociedade:

A crise da racionalidade traz, no bojo da crise da modernidade, a impressão de que já não existem parâmetros ou referências institucionais. Desaparecem as grandes narrativas. Durante séculos, as referências da pessoa humana foram exteriores a ela, místicas cosmológicas, mundividências, esquemas religiosos...até que, na renascença, o homem e a mulher tornaram-se medidas de todas as coisas.²⁶

Tal realidade tem impacto direto na experiência e mística religiosa. As pessoas atualmente experimentam não mais um modelo fixo de espiritualidade religiosa, a fim de estabelecer ordem no caos da vida, mas sim, múltiplas experiências religiosas. Ou seja, as pessoas experimentam “um pouco do cristianismo, um pouco do budismo, um pouco do candomblé, um pouco do santo daime”²⁷, e assim, buscam incansavelmente, sem êxito algum, por uma espiritualidade religiosa que dê conta de responder às ansiedades provocadas pela crise da modernidade.²⁸ É justamente esse caos da crise moderna que permite com que a dimensão religiosa se alicerce essencialmente sobre o consumo. Se estilos de vidas estão sendo consumidos, também estilos de experiências religiosas e estilos de espiritualidades passaram a ser consumidos. Evidencia-se aqui que precisamos

²¹ STUMPF, João Henrique. A religião do consumo. *Anais do Salão de Pesquisa da Faculdade EST*, São Leopoldo, v. 14, p. 80-85, 2015. p. 84. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/salao/article/view/676/328>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

²² BENJAMIN, Walter; LÖWY, Michael (ORG.) *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 21

²³ ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2007. p. 39-40

²⁴ BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. *Mística e espiritualidade*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 74.

²⁵ BETTO; BOFF, 2010, p. 75.

²⁶ BETTO; BOFF, 2010, p. 74.

²⁷ BETTO; BOFF, 2010, p. 75.

²⁸ BETTO; BOFF, 2010, p. 75.

encontrar meios que transcendam a atual realidade. Seria isso possível? Que proposta de espiritualidade poderia dar conta de colocar ordem no caos da vida?

Propomos aqui que a Espiritualidade da Libertação sirva como um modelo de espiritualidade capaz de superar o sistema vigente. Isso porque, entendemos que a EL não se conforma com o fato de que o sistema capitalista canalize a miséria humana para o consumo, ou seja, faça do caos humano um meio para conseguir se desenvolver no cenário atual. Também nesse ponto o caminho da EL parece ser a contramão da cultura do consumo. A EL nasce e se desenvolve, conforme afirma Galilea, a partir “dos compromissos temporais frente à libertação”.²⁹ Logo, uma cultura que oprime não pode ser legitimada por uma espiritualidade que resgata justamente a dimensão libertadora do evangelho de Jesus Cristo. Um outro elemento que serve de critério para avaliar e delinear a postura da EL frente à cultura do consumo são os pobres, aqueles que mais sentem o prejuízo nesta sociedade, que, para *ser* é necessário *ter*. Novamente aqui, sua profunda ligação com a causa e perspectiva dos deles não lhe autoriza a legitimar essa cultura do consumo que toma conta dos centros urbanos, oprimindo e marginalizando os grupos mais pobres da população.

Por tudo isso a EL precisa representar sempre uma espiritualidade “fora da moda” quando tal “moda” estiver a serviço das forças opressoras atuantes em nossas cidades.

A Espiritualidade da Libertação como uma alternativa que provém das margens

A TL e a EL são uma peça de discórdia e conflito na engrenagem do sistema socioeconômico e, também aqui, poderão sair na frente, somente na contramão, ‘desde o reverso da história’, ‘com os pobres da terra’ e com o ‘pequeno resto de Israel’, que possa se manter a salvo dos movimentos de massa bem controlados pelo sistema.³⁰

A Conferência Episcopal Latino-americana em Medellín (1968) evidenciou que na América Latina fazia-se urgente uma espiritualidade libertadora que fosse ao encontro das pessoas colocadas à margem da sociedade. A partir daí a Teologia da Libertação (TdL) optou por uma espiritualidade que está a serviço de todas as pessoas pobres, oprimidas, miseráveis, etc.³¹ A essas pessoas “é atribuída uma ‘genuína espiritualidade’”³² ou seja, “uma espiritualidade ‘a partir de sua própria experiência de compromisso com o mundo’”.³³ Isso significa que a EL proporciona um processo de libertação e humanização da sociedade, por meio da dialética entre o “encontro com o Cristo pessoalmente” e o “encontro com o Cristo que vive nos pequenos”.³⁴ Desse modo, a EL é uma “ruptura com o estilo de vida de uma sociedade de consumo capitalista”³⁵ na medida em que está pautada na vivência da gratuidade, ou seja, na medida em que a pessoa passa a experimentar a ação graciosa de Deus e de seu amor em favor da humanidade.³⁶ Brandt assim define a experiência da vivência da gratuidade:

Ela é a conseqüência de ter sido agraciada imerecidamente por Deus. Por termos recebido o amor de Deus, isso ‘faz brotar’ o nosso amor a Ele e às pessoas; isso ativa os talentos

²⁹ GALILEA, Segundo. *Espiritualidade da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1975. p. 8.

³⁰ VIGÍL, José María. *Desafios atuais para a Espiritualidade da Libertação*. Disponível em: <<http://servicioskoinonia.org/relat/268p.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

³¹ BRANDT, Hermann. *Espiritualidade: vivência da graça*. 2. ed. revista. São Leopoldo: EST/ Sinodal, 2006. p. 29.

³² BRANDT, 2006, p. 29.

³³ BRANDT, 2006, p. 29.

³⁴ BRANDT, 2006, p. 30; 33.

³⁵ BRANDT, 2006, p. 34.

³⁶ BRANDT, 2006, p. 48.

recebidos em favor de nosso próximo; mais ainda, isso dá a entender que também a nossa dedicação e as nossas atividades são entendidas como dádiva recebida.³⁷

É a partir da vivência da gratuidade que a EL pauta-se na conversão ao próximo, a pessoa oprimida e desprezada, solidarizando-se com o ser humano que tem sua salvação negada no sistema capitalista. Nesse sentido, o caminho apontado pela EL, vem das margens, daqueles/as descartados/as ou oprimidos pela sociedade do consumo, seguido na contramão da via de mão única, construída pelo sistema capitalista moderno, uma vez que a graça e a solidariedade que não tem vez no Capitalismo são elementos nucleares da EL. A opção gratuita de Jesus pelos pobres serve de base para balizarmos nossa vivência de fé, pautada na graça, não na meritocracia, na solidariedade, não na concorrência.

Considerações finais

Por fim, temos que afirmar que não existem receitas prontas que dão conta de resolver as indagações e problemas que envolvem a articulação da EL no contexto contemporâneo. A perspectiva em prol dos espoliados e marginalizados pelas forças dominantes da sociedade, já nos adverte para um caminho marcado por muitas perseguições e dificuldades. A EL sabe que o caminho da ressurreição, obrigatoriamente passa pela cruz, não há alternativa. Seu mestre morreu na cruz, logo, seus seguidores não devem esperar uma estrada povoada de glórias. No entanto, a luz da ressurreição já iluminou a cruz da morte. É este o espírito da EL. Sua mais profunda marca é esta. Ela é caracterizada pelo entusiasmo de uma luta já iluminada pelo horizonte da libertação.

Em todo caso, a EL precisa andar na contramão do sistema hegemônico, promovendo os sonhos que o capitalismo não vende, incluindo os grupos que o sistema exclui e lutando pelo que ele ignora. Ela não pode ser tímida em anunciar um mundo onde todas as pessoas tenham direito a acessar vida em abundância sonhada e anunciada por Jesus Cristo. Deve ter a coragem em pregar a partilha como base organizacional da sociedade, para que enfim os sistemas, lógicas e estruturas fundados sobre o egoísmo humano, sejam superados, onde a busca selvagem pelo lucro seja substituída pela construção comunitária da vida. Tudo isso sem perder de vista a dimensão transcendente da luta e da vida, a qual lhe caracteriza como uma autêntica espiritualidade.

Referências

ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BENJAMIN, Walter; LÖWY, Michael (ORG.) *O capitalismo como religião*. São Paulo: Boitempo, 2013.

BETTO, Frei; BOFF, Leonardo. *Mística e espiritualidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

³⁷ BRANDT, 2006, p. 48.

BRANDT, Hermann. *Espiritualidade: vivência da graça*. 2. ed. revista. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 44ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GALILEA, Segundo. *Espiritualidade da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1975.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 1998.

LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001.

MARX, K.; ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Centauro, 2002.

MO SUNG, Jung. *Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos*. Petrópolis: Vozes, 2002.

RICHARD, Pablo. *Força ética e espiritual da teologia da libertação: no contexto atual da globalização*. São Paulo: Paulinas, 2006.

SAVIANO, Brigitte. *Pastoral nas megacidades: um desafio para a Igreja da América Latina*. São Paulo: Loyola, 2008.

STUMPF, João Henrique. A religião do consumo. *Anais do Salão de Pesquisa da Faculdades EST*, São Leopoldo, v. 14, p. 80-85, 2015. p. 84. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/salao/article/view/676/328>>. Acesso em: 25 jun. 2018.

VIGÍL, José María. *Desafios atuais para a Espiritualidade da Libertação*. Disponível em: <<http://servicioskoinonia.org/relat/268p.htm>>. Acesso em: 25 jun. 2016.